Panorama da agricultura 1997

LUIZ ANTÔNIO PINAZZA

A globalização, a abertura de mercado e a estabilização de preços com o Plano Real, três macroprocessos em curso na economia brasileira, têm tido tremendo impacto na reestruturação e reorganização do agribusiness no país. Tudo acontece de forma abrupta e não gradativa. A velocidade da mudança é tal, que os tomadores de decisão do governo e da iniciativa privada encontram dificuldade para fazer com que seus planejamentos captem a idéia de pensar globalmente e agir localmente.

Os agronegócios internos estão prestes a enfrentar a revolução tecnológica, financeira e comercial da economia internacional. A alternativa é seguir a nova ordem ditada pela competição, que passa pela redução do custo, aumento da produtividade, novas tecnologias e achatamento das margens. Não há como remar na contramão.

O país importa também produtos de alto valor agregado e não só matérias-primas básicas. Na conta do agribusiness, muitas vezes se esquece de considerar o valor da importação dessas mercadorias.

Em 1996, tomando por base os mais importantes produtos agropecuários do agribusiness, o saldo entre exportação e importação foi positivo; não foi contudo aquele divulgado nas rodas informais, de R$10 bilhões, e sim de R$4,1 bilhões. Quem visita as gôndolas dos supermercados, verifica que o país importa também produtos de alto valor agregado e não apenas matérias-primas básicas (grãos de arroz, algodão, milho etc.). Na conta do agribusiness, muitas vezes se esquece de considerar o valor da importação dessas mercadorias.

Os países desenvolvidos são bem prudentes na abertura de seus mercados. Uma prova disso está no acordo da Rodada Uruguai, da Organização Mundial de Comércio. Eles propuseram prazos de seis a 12 anos para realizarem as adaptações necessárias em suas agriculturas. Lá a malha protecionista é fortíssima. Os agricultores dos EUA por exemplo devem 90% dos US$175 bilhões que faturam bruto por ano, em operações para serem quitadas a longo prazo e a baixo custo. No Brasil, essa taxa não passa de 25%, mas o estrago é grande, pois a dívida é de curto prazo e alto ônus para o produtor.

Já a estabilização dos preços conseguida pelo Plano Real, um grande anseio nacional, trouxe aumento substancial do consumo de alimentos. A agricultura, porém, dá uma contribuição significativa para essa conquista. Basta registrar que, até agora, em mais de 30 meses de Plano, enquanto as taxas medidoras da inflação convergem para 60%, a cesta básica de alimentos calculada pelo Dieese varia entre R$106 e R$108. A transferência de renda da produção para o consumo é brutal.

Nessa linha de raciocínio, a securitização das dívidas dos agricultores de 1996, que remontam a mais de R$7 bilhões, é mais do que justificável: é mera oxigenação no fluxo de caixa, diante das perdas que o setor agrícola teve com o programa de estabilização de preços. Uma compensação muito sovina, aliás, quando comparada com os recursos absorvidos pelo Proer, de seis a sete vezes superiores.

No que se refere à proteína animal, a tendência é de crescimento da produção em compasso com o ritmo de expansão do PIB e da exportação. O cenário é bom. Com a recuperação quantitativa da safra de milho, a pressão de custo fica fraca e a rentabilidade melhora. Adicionalmente, tudo leva a crer que o desempenho satisfatório das vendas externas em 1996 se repetirá neste ano. Algumas importantes agroindústrias projetam que a oferta de carne deverá crescer entre 2,5 a 4% em 1997.

Por sua vez, sem políticas públicas e instrumentos de mercado que acenem perspectivas de longo prazo, a atual produção de cereais e oleaginosas da safra oscila em cerca de 80 milhões de toneladas, variando de acordo com a fonte estatística. É difícil compreender por que esse número é citado com ufanismo. A atitude cabível é de dúvida sobre se esse volume será mesmo de causar admiração, em um país de 150 milhões de pessoas. A Argentina,

Luiz Antônio Pinazza é gerente de negócios da Agroceres.

com 1/5 dessa gente, está colhendo 50 milhões de toneladas.

Brasil — renda bruta de cereais e oleaginosas
R$ milhões

Produto	1995	1996	1997*
Algodão em caroço	590	490	450
Arroz em casca	2.200	2.000	1.900
Milho	3.520	3.800	3.800
Soja	3.800	5.070	5.700
Trigo	220	560	460
Total	10.330	11.920	12.310

* Estimativa preliminar.

Na verdade, o campo está longe de transmitir o otimismo tão peculiar de outros tempos. As seguidas crises de liquidez e renda dos últimos anos fizeram com que prevalecessem a desconfiança e um realismo maior que o do rei. Em termos de área e de faturamento, a grande vedete é a soja, embalada pelas boas cotações vigentes no mercado internacional, com rentabilidade bem favorável. De resto, as áreas das demais lavouras ficaram estáveis ou caíram. A situação do algodão e do trigo é equiparável ao fundo do poço.

Para o milho, a prova de fogo será livrar-se de preços aviltantes durante o primeiro semestre. Com uma produção inferior, demanda crescente e estoques de passagem insuficientes para um mês de consumo, serão necessárias importações e os preços tenderão a aquecer-se na entressafra. Essa conjuntura poderá se agravar para 1998, caso o produtor não tenha uma remuneração adequada na presente comercialização. O governo promete medidas para evitar tal situação. O arroz, em menor intensidade, se encontra na mesma condição.

Enfim, tomando os principais grãos, a renda poderá crescer 5%, devido unicamente à soja. Esse incremento é teoricamente menor que a quantia envolvida para quitar a primeira parcela da securitização. O quadro é de melhoria em relação à *débâcle* de 1995, mas é pouco provável que haja poupança para a retomada dos investimentos. A expectativa é de que agora, uma vez tendo o Plano Real se consolidado, a agricultura seja de fato contemplada com uma política setorial moderna para tender a segurança alimentar e o fortalecimento do agribusiness nacional.

Brasil — importações agropecuárias
US$ 1 mil

Principais produtos	1995	1996	Variação %
Origem animal	1.271.222	1.392.950	-8,74
Origem vegetal	3.154,191	2.663.756	18.41
Gorduras, óleos e ceras	383.987	379.068	1,30
Peles e couros	220.028	246.177	-11,00
Madeiras e cortiça	96.258	69.465	-38,57
Celulose e papel	1.369.829	1.371.023	-0,09
Matérias têxteis	2.307.867	2.291.094	0,73
Calçados e chapéus	250.308	244.076	2,55
Total	9.053.690	8.657.609	-4,37

Brasil — exportações agropecuárias
US$ 1 mil

Principais produtos	1995	1996	Variação %
Complexo soja	3.798	4.400	15,8
Café	2.426	2.136	11,9
Laranja	1.105	1.417	28,2
Açúcar	1.919	1.700	11,4
Cacau	157	211	24,4
Carnes	1.195	1.405	17,6
Fumo	1.171	1.550	32,4
Total	11.771	12.819	8,9